

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA, ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURA ESCRITA

ARTIGO

OS BONS LADRÕES: A INTERTEXTUALIDADE NAS CRÔNICAS DE PAULO MENDES CAMPOS

THE GOOD THIEVES: INTERTEXTUALITY IN THE CHRONICLES OF PAULO MENDES CAMPOS

ERICA LIMA MOREIRA DOS SANTOS

Mestranda em Estudos Literários (FAPESB/UEFS). E-mail: ericaasantooss@gmail.com

ALANA DE OLIVEIRA FREITAS EL FAHL

Doutora em Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura (UFBA). Professora da UEFS. E-mail: alana_freitas@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo analisa a presença da intertextualidade nas crônicas de Paulo Mendes Campos, destacando o diálogo que o autor estabelece com a tradição literária, filosófica e bíblica. A pesquisa, de caráter descritivo e bibliográfico, centra-se nas obras *O homem que odiava ilhas* (2013) e *Brasil brasileiro: crônicas do país, das cidades e do povo* (2009), a partir das quais foram selecionadas crônicas que evidenciam diferentes modalidades intertextuais, como citação, alusão e estilização. A análise demonstra como Mendes Campos mobiliza referências a autores nacionais e estrangeiros, além de textos bíblicos e culturais, para construir uma escrita irônica, poética e reflexiva, que ultrapassa o caráter efêmero da crônica jornalística. O estudo ressalta a relevância de sua obra para a consolidação da crônica como gênero literário no Brasil e para a compreensão do papel da intertextualidade na produção de sentidos e na crítica social.

Palavras-chave: Paulo Mendes Campos; crônica; intertextualidade; literatura brasileira; análise literária.

ABSTRACT

This article examines the presence of intertextuality in the chronicles of Paulo Mendes Campos, highlighting the dialogue he establishes with literary, philosophical, and biblical traditions. The research, descriptive and bibliographic in nature, focuses on the works *O homem que odiava ilhas* (2013) and *Brasil brasileiro: crônicas do país, das cidades e do povo* (2009), from which chronicles were selected to illustrate different forms of intertextuality, such as quotation, allusion, and stylization. The analysis shows how Mendes Campos draws on references to national and foreign authors, as well as biblical and cultural texts, to create an ironic, poetic, and reflective style of writing that transcends the ephemeral character of journalistic chronicles. The study emphasizes the importance of his work for the consolidation of the chronicle as a literary genre in Brazil and for understanding the role of intertextuality in meaning-making and social critique.

Keywords: Paulo Mendes Campos; chronicle; intertextuality; Brazilian literature; literary analysis.



INTRODUÇÃO

Objetivamos analisar no presente artigo o diálogo intertextual que acontece nos textos de Paulo Mendes Campos com outros textos da tradição literária. É preciso, a princípio, saber que analisar Paulo Mendes Campos é analisar a história da crônica brasileira. Segundo Jorge de Sá (1985, p.56), esse autor utiliza uma linguagem distraída, ensina o que é a sensibilidade e “[...] coloca a poesia como suporte de suas crônicas, o que se percebe nas referências a outros poetas [...]. Então, estudar as intertextualidades nas crônicas de Paulo é estudar a sensibilidade que o escritor tem em relacionar um acontecimento aos outros textos, escritores e outras gamas de possibilidades que realizam um diálogo com a sua crônica. Tal fato chama a atenção para a consciência que tinha o autor mineiro em relacionar textos passados como a Bíblia, histórias das literaturas ou até mesmo mencionar outras personalidades conhecidas em suas crônicas.

A pesquisa realizada dentro da linha de pesquisa sobre intertextualidades do grupo *Janela de Tomar*, visa analisar a contribuição do escritor mineiro para a consolidação da crônica no Brasil, por meio de sua forma estilística que contribui para a permanência do sentido do que está na crônica. Além dessa análise, a pesquisa contribui para a fortuna crítica para área de pesquisa de cronistas brasileiros, mas também para a investigação envolvendo o cronista que é escassa, diante da importância da contribuição de Paulo Mendes Campos para a crônica brasileira.

A pesquisa foi de caráter descritivo e bibliográfico. Essa abordagem de pesquisa foi realizada com caráter descritivo, pois por meio da coleta de crônicas que possuem intertextualidade, presente nos materiais “O Homem que odiava ilhas” (2013) e “Brasil brasileiro: crônicas do país, das cidades e do povo” (2009). Então, torna-se evidente que a pesquisa terá como objetivo o levantamento de dados coletados dos textos literários para que possa ser encontrada uma relação com outros textos. Mas além disso, é preciso relacionar as crônicas que possuem intertextualidade com o aparato teórico, como El Fahl (2013) (2022) que vai trazer um aparato sobre a crônica no Brasil, Koch; Bentes; Cavalcante (2018) com a base teórica para compreender a intertextualidade; Moisés (1997) para compreender o percurso histórico da crônica; Sá (1985) que vai abordar a importância da crônica no país e de como Paulo Mendes Campos escreveu suas crônicas; Seixas (1994) abordando a relação entre intertextualidade e literatura; Soares (2014) ajudou na compreensão do que a crônica representa na literatura e Zani (2003) quando aborda a origem bakhtiniana de dialogismo.

Além disso, o artigo foi dividido em três seções: a primeira abordará sobre a vida do cronista mineiro para entender quando e como surgiu o contato de Paulo Mendes Campos com a literatura, a segunda parte vai trazer qual é a perspectiva de intertextualidade nas crônicas de Mendes

Campos que foi utilizada pelas autoras do artigo para analisar os escritos do cronista mineiro e a última visa analisar, por meio da seleção de algumas crônicas, a presença intertextual nas crônicas de Paulo Mendes Campos.

PAULO MENDES CAMPOS: UM CRONISTA COM TODAS AS LETRAS

Falar da vida de Paulo Mendes Campos é ficar na superficialidade do que há nos seus compilados de crônicas, organizados por editoras, trazer o caráter autobiográfico que o escritor abordava em alguns textos, se contentar com o que se encontra na internet ou se basear nos poucos trabalhos acadêmicos publicados sobre o autor, pois, diferentemente, de muito dos seus contemporâneos, sua biografia é escassa em detalhes. Para aprofundar mais um pouco na História do cronista, no presente artigo, serão utilizados os trabalhos acadêmicos de Paiva (2010) e Leme (2018).

Paulo Mendes Campos nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 28 de fevereiro de 1922. Seu pai era médico, Mário Mendes Campos, e quanto à profissão de sua mãe não foi possível encontrar algo. No entanto, sabe-se que a senhora Maria José Lima Campos foi uma peça fundamental para o despertar literário na vida do filho, tendo lhe apresentado Baudelaire, os contos de Edgar Allan Poe e os versos de Antônio Nobre e Vicente de Carvalho, além de ter criticado os seus primeiros trabalhos (Paiva, 2010, p. 14). Outro ponto importante no meio familiar de Campos, era que seu pai também gostava de Literatura, chegando a publicar textos e foi membro da Academia Mineira de Letras. Em sua vida de ensino básico, Paulo Mendes Campos cursou o ginásio em São João Del-Rey:

No Ginásio, a *Gramática e Antologia Nacional*, de J. Mesquita de Carvalho (Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935) ajudou de maneira mais sistemática no aprendizado literário. Leu Camilo, Coelho Neto, Júlio Diniz (que causou grande impressão). Conheceu também a obra de alguns modernistas, como Jorge de Lima e Mário de Andrade. Teve acesso à revista *Mensagem* [...] (Leme, 2018, p. 41)

Dessa forma, observa-se que Paulo Mendes Campos desde sua infância teve contato com grandes obras e grandes escritores canônicos. Essa aproximação com a literatura tanto no âmbito familiar quanto no meio escolar alicerçou a sua base literária para que se tornasse um dos grandes cronistas brasileiros.

Após o término dos estudos, em 1938, trabalhou como bibliotecário da Diretoria de Saúde Pública de Minas Gerais. Paulo Mendes chegou a cursar Odontologia e entrou para a aeronáutica, mas não concluiu nenhuma formação. Quando volta do Rio Grande do Sul, lugar que foi para se tornar um militar, para Minas Gerais, se reencontra com Otto Lara Rezende, e logo desenvolve amizade com Hélio Pellegrino e Fernando Sabino, fazendo parte do grupo dos escritores

mineiros, ficando conhecidos como “os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse”. A união entre esses escritores mineiros fizeram com que fossem chamados também, de “os rapazes da nova geração”. Nesse tempo, juntamente com Carlos Drummond de Andrade, a quem tinham como inspiração, buscavam fortalecer a literatura no estado.

Mesmo sendo reconhecido como escritor, Paulo Mendes Campos precisou desenvolver várias atividades, como:

[...] se desdobrava num sem número de atividades que nem ele, quando se recorda, consegue entender como dava conta. Tomava conta da biblioteca da Diretoria de Saúde Pública, trabalhava no escritório de construção civil de um tio, dirigia o suplemento da *Folha de Minas*, escrevia para a *Folha de Minas* e para o *Estado de Minas* e, à noite, ajudava voluntariamente n’O *Diário* redigindo as notícias que vinham do Rio de Janeiro por telefone. E ainda não acabou: cooptado por Hélio Pellegrino, ajudava na distribuição de boletins clandestinos contra a ditadura de Getúlio Vargas. (Leme, 2018, p. 48)

Quando foi morar no Rio de Janeiro, em 1944, ele precisou procurar empregos que não estavam relacionados à escrita. Dessa forma, com ajuda de amigos, em 1947, foi aceito para trabalhar no Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE). No início começou a exercer a função de fiscal de obras, depois tornou-se redator deste órgão e chegou ao cargo de diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional. Além de desenvolver essas funções, Paulo trabalhou como cronista, poeta, redator em publicidade, roteirista de documentários, filmes e programas de televisão. Segundo Leme (2018), o poeta Paulo Mendes Campos surgiu em 1946, com o compilado de poesias organizado por Manuel Bandeira, “Antologia de poetas brasileiros bissexto contemporâneos”.

Conheceu a sua esposa inglesa, Joan Abercrombie, por meio do irmão de Joan, que trabalhava na mesma agência de publicidade que o mineiro. Joan e Paulo namoraram, noivaram e casaram em três meses. Sendo o dia do seu casamento, o dia da sua primeira publicação como escritor com “A palavra escrita” (1951). Um detalhe nesse início de relacionamento, era que Joan não falava português e a viagem que a levou conhecer Campos foi a primeira que tinha feito ao Brasil. Mais tarde, o casal teve dois filhos.

Na década de 1960, é quando suas crônicas começam a ganhar espaço, fazendo Paulo se tornar um cronista consagrado que também foi poeta e tradutor. Paulo Mendes Campos faleceu, em 1 de julho de 1991, em decorrência de um enfarte fulminante, consequência de um acidente vascular cerebral (AVC). Sabe-se que mesmo depois de décadas de sua morte, suas crônicas ainda permanecem refletindo a subjetividade e os aspectos sociais da sociedade brasileira. Deste modo, o presente trabalho tem como objetivo, também, preservar a memória do cronista Paulo Mendes Campos.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRÔNICA

A crônica literária ganhou espaço nos jornais brasileiros no século XIX, com o seu caráter híbrido entre o jornalístico, o literário e a história. Contudo, para ser um gênero legitimado na crítica literária brasileira foi preciso, como afirmou Soares (2014), buscar uma origem que provém de outro continente. Dessa forma, considera-se que a origem da crônica como conhecemos surgiu com os folhetins sobre críticas artísticas na França que eram publicadas em jornais, como afirma Massaud Moisés (1997). Em adição à origem da crônica na literatura, sabe-se que o termo crônica é utilizado desde a Idade Média, quando servia para relatar histórias cronológicas que poderiam ser utilizadas na posterioridade; mas também servia, durante as Grandes Navegações, como um modo de relatar as viagens, como a Carta de Pero Vaz de Caminha. Séculos depois, a crônica europeia chega ao Brasil e consegue desenvolver características próprias.

Nascida no Rio de Janeiro, cidade por ser referência da modernização do Império, principalmente após a chegada da família real portuguesa, pólo de debates de assuntos políticos, sociais e econômicos que geraram as mudanças nas estruturas do país. A crônica surge, no Brasil, no tempo em que os agenciadores da cultura viviam entre as idéias e as militâncias. Ser abolicionista ou escravocrata, republicano ou monarquista [...] (EL FAHL, 2013, p.31). Portanto, ser um escritor no jornal no século XIX, dava acesso às informações e aos acontecimentos, por ser o precursor de notícias mais democrático da época, eram as páginas impressas um grande formador de opinião e gostos culturais.

No jornal brasileiro novecentista, em meio a todas as notícias diárias e anúncios, nas rotas de rodapé, abre-se espaço para o folhetim. De acordo com El Fahl (2022), havia dois tipos de folhetins: o folhetim-romance e o folhetim-variedade. O primeiro folhetim é o responsável pelo surgimento das telenovelas, pois as obras eram publicados periodicamente em capítulos, o que gerava aumento no número de leitores, são exemplos de folhetim-romance brasileiros: “Senhora”, de José de Alencar (1875) e “Memória póstuma de Brás Cubas”, de Machado de Assis (1881). O folhetim-variedade era aquele, também presente no pequeno espaço do jornal, que visava contar e comentar fatos do cotidiano. Esse foi o folhetim que originou o que conhecemos como crônica.

A crônica é um gênero que nasce para morrer no outro dia. Isso porque, as notícias e opiniões sobre determinado acontecimento passam, perdendo o interesse do público rapidamente. Para que a crônica não morra, é preciso que haja qualidade literária, que o cronista possa ver o que está além do fato acontecido e que possa relacionar o fato com elementos que perpassam a vida humana. Outro elemento que auxilia a permanência das crônicas e que auxiliam na sua disseminação são as publicações em livros que reúnem crônicas de determinado cronista ou a organização de antologias. Dessa forma, é possível manter contato com crônicas

passadas e mantê-las vivas, fortalecendo-as e garantindo-as a inclusão da crônica no âmbito literário brasileiro.

TEXTO PUXA TEXTO: A TAL INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade na literatura é, a grosso modo, a relação que há entre um texto já existente e, provavelmente, presente na tradição, com uma outra criação literária. Essa concepção sobre a relação entre os textos e escritores surgiu com Mikhail Bakhtin, no início do século XX, o qual chamou de *dialogismo*. Bakhtin usou François Rabelais para a entender a correlação dos textos do autor com os textos clássicos, sendo assim, o primeiro a apresentar essa ideia no âmbito das pesquisas acadêmicas. Na década de 60, Julia Kristeva cunhou o termo *intertextualidade*, o qual remete à mesma perspectiva que foi levantada por Bakhtin no início do século. No entanto, como afirma Seixas (2018), a relação entre os escritos acontece, na literatura, desde o Renascimento, quando eram considerados melhores escritores aqueles que conseguiam trazer marcas dos escritos passados. Então, durante a história da literatura, a intertextualidade sempre existiu, esperando apenas uma legitimação e uma classificação acadêmica. Observa-se, desse modo, que conforme foi-se admitindo que há um diálogo entre os elementos discursivos, que essa concepção foi recebendo outras denominações, pois:

O que para Bakhtin convencionou-se chamar de dialogismo ou carnavalização e para Kristeva, que baseou-se em Bakhtin, tornou-se intertextualidade, para os modernistas brasileiros, como Mário de Andrade, denominou-se antropofagia.” (Zani, 2003, p. 123)

Dessa forma, independentemente da corrente de pensamento que o pesquisador ou leitor utilizará para se referir sobre o diálogo entre os textos, o essencial é que haja a consciência de que há essa relação. Isso é importante porque é preciso, em alguns textos, conhecer o enunciado de referência para que haja um bom desempenho na mensagem a ser recebida.

Cabe afirmar que por escolha vocabular, a presente pesquisa irá trabalhar com o conceito de intertextualidade, trazido por Kristeva (1969). Assim, para fundamentar a construção do presente trabalho, será usado a concepção de intertextualidade *stricto sensu*, abordado por Koch; Bentes e Cavalcante (2012) em diálogo com o texto de Zani (2003), principalmente para a definição de intertextualidade.

De acordo com as pesquisadoras, dentro da intertextualidade *stricto sensu* acontecem subdivisões, como a *intertextualidade temática* que é aquela que se partilha do mesmo tema ou assunto, como histórias com o mesmo tema, mas contada de forma diferente; a *estilística* quando o autor do texto repete, cria paródia ou demais situações dentro de certos estilos e variedades linguísticas; a *explícita* que menciona a fonte do texto e a *implícita* é quando não é mencionado o texto-fonte. No entanto, para Zani (2003) existem três tipos de intertextualidade: a de *citação* que

acontece quando a fonte é citada, a *alusão* é quando o texto-fonte não é citado e a *estilização*, a qual tem o objetivo de revitalizar outro enunciado. No presente trabalho serão utilizados como sinônimos *intertextualidade estilística* e *alusão*, *intertextualidade explícita* e *citação*, e *intertextualidade implícita* e *alusão* por entender que melhor se adequam à análise de nosso objeto de investigação: Os diálogos com outros textos nas crônicas de PMC.

A INTERTEXTUALIDADE NAS CRÔNICAS DE PAULO MENDES CAMPOS

Para análise das crônicas que possuem a presença intertextual nos escritos de Paulo Mendes Campos elegemos dois livros como *corpora*: “O homem que odiava ilhas: Crônicas de Paulo Mendes Campos” (2013) e “Brasil brasileiro: crônicas do país, das cidades e do povo” (2009). Essas duas antologias foram escolhidas, porque possuem temas e textos diversos e foram publicadas por selos editoriais diferentes (Civilização Brasileira e Companhia das Letras, respectivamente). Após leitura atenta das 64 narrativas que compõem os dois livros, selecionamos para a análise detalhada do diálogo com outros textos que o autor realiza as seguintes crônicas: “Para Maria da Graça”, “Os bons ladrões”, “Brasileiro, homem do amanhã” e “O poeta de Minas”.

“Para Maria da Graça”, publicada pela primeira vez na Revista Manchete em 1963, é uma crônica que consiste em uma espécie de conselho sobre a vida para uma jovem que completa 15 anos, realizando uma comparação entre a vida e elementos da narração “Alice no país das maravilhas” (1865), de Lewis Carroll. No entanto, até a presente pesquisa, não foi encontrado direcionamento de quem seria Maria da Graça, se ela realmente existiu ou se foi uma personagem fictícia. O cronista inicia o texto citando o livro clássico da literatura infanto-juvenil: “Agora, que chegaste à idade avançada de 15 anos, Maria da Graça, eu lhe dei de presente o livro *Alice no país das maravilhas*” (Campos, 2013, p.26). Essa forma de citação está relacionada à intertextualidade explícita, pois ele cita o texto-fonte para a escrita da crônica. Em seguida, Campos faz o uso da citação direta em várias partes da crônica:

Nem o papa, ninguém no mundo, pode responder sem pestanejar à pergunta que Alice faz à gatinha: “Fala a verdade Dinah, já comeste um morcego?” (CARROLL apud CAMPOS, 2013, p.26) Foi o que Alice falou no fundo do poço: “Estou tão cansada de estar aqui sozinha!” (CARROLL apud CAMPOS, 2013, p.26) Foi o que o rato perguntou à Alice: “Gostarias de gato se fosses eu?” (CARROLL apud CAMPOS, 2013, p.26) “Disse o ratinho: “Minha história é longa e triste!” (CARROLL apud CAMPOS, 2013, p. 27) e não te desespere ao triste pensamento de Alice: “Devo estar diminuindo de novo”” (CARROLL apud CAMPOS, 2013, p.27) Por isso, Alice, depois de ter chorado um lago, pensava: “Agora serei castigada, afogando-me em minhas próprias lágrimas”.” (Carroll apud Campos, 2013, p.28)

O cronista usa das citações do clássico para exemplificar o que Maria da Graça, após a leitura, pode perceber e fazer um paralelo com o que está fora da ficção. Além da intertextualidade explícita, usada por Campos, pode-se perceber na crônica que há a presença de uma intertextualidade implícita quando ele não cita diretamente o que foi dito, mas faz uma análise comparativa com o que Maria da Graça vai viver, provavelmente, semelhantemente à Alice passou no drama, afirmando que quando Alice comeu o bolo, e não cresceu de tamanho, ficou no maior dos espantos (Campos, 2013, p.26). O autor também lança mão de metáforas, mas sempre tendo como base elementos do texto de Lewis: “por isso te digo, para tua sabedoria de bolso: se gostas de gato, experimenta o ponto de vista do rato.” (Campos, 2013, p. 26).

Além das citações anteriores que norteiam o texto, ele vai também realizar um diálogo com a forma de contar histórias usadas por Jesus e presentes nos evangelhos canônicos, a parábola:

E escuta a parábola perfeita: Alice tinha diminuído tanto de tamanho que tomou um camundongo por um hipopótamo. Isso acontece muito, Mariazinha. Mas não sejamos ingênuos, pois o contrário também acontece. E é um outro escritor inglês que nos fala mais ou menos assim: o camundongo que expulsamos ontem passou a ser hoje um terrível rinoceronte. É isso mesmo. A alma da gente é uma máquina complicada que produz durante a vida toda uma quantidade imensa de camundongos que parecem hipopótamos e de rinocerontes que parecem camundongos. O jeito é rir no caso da primeira confusão e ficar bem-disposto para enfrentar o rinoceronte que entrou em nossos domínios disfarçado de camundongo. Mas como tomar o pequeno por grande e o grande por pequeno é sempre meio cômico, nunca devemos perder o bom humor. (Campos, 2013, p.27)

Lançando mão da intertextualidade estilística, Campos adotou a forma como a parábola é constituída, pois além de citar que faria uma parábola, ele realiza comparações para levar uma mensagem de modo fácil e objetivo, característica das parábolas. É importante observar que ele introduz ao leitor que fará uma parábola, assim como na bíblia que introduz quando Jesus iria proferir um discurso com esse gênero textual: E Jesus lhes disse ainda uma parábola (Lc 6, 39). Dessa forma, o cronista consegue desenvolver essa analogia, que é utilizada no contexto bíblico, para levar o conteúdo que deseja.

Em “Os bons ladrões”, ele vai narrar as diversas reações de pessoas que tiveram suas casas invadidas e assaltadas. Nessa crônica ele faz uma alusão ao texto bíblico ao se referir ao bom ladrão, quando o assaltante resolve devolver o que roubou de uma senhora. Essa senhora que mora sozinha em Ipanema teve a sua bolsa roubada e nela havia jóias. Depois do desespero, ela recebe uma ligação, que ao atender inicia uma conversa com o interlocutor sobre suas pedras preciosas. No decorrer do telefonema a senhora

tenta tê-las de volta e oferece dinheiro para recuperá-las, mas o ladrão não aceita, pois queria devolver.

Nesse diálogo, a senhora descobre que ele precisa devolver o que lhe foi roubado, porque prometeu a sua esposa que não furtaria mais. Dessa forma, com o uso da ironia, Mendes Campos consegue mostrar a tentativa de remissão do ser humano. Essa alusão fica evidente na escolha do título “Os bons ladrões” que remete à passagem bíblica que fala sobre um dos ladrões ao lado de Jesus na crucificação que clama por misericórdia à Cristo (Lc 23, 40-43), ficando conhecido como o bom ladrão. Nota-se que não é por meio de uma citação direta ao texto da tradição cristã que a crônica irá se basear, mas no sentido de transformação, que pode ser visto como o surgimento de uma reparação do que a figura do ladrão fez, buscando uma reconciliação não consigo e nem com a senhora, mas com a sua esposa que não aceita essa atitude marginal. Dessa forma, o meio escolhido pelo cronista gera uma intertextualidade implícita. Na crônica “Brasileiro, homem do amanhã” encontramos um estranhamento entre a leitura do título e o texto, já que o título gera a expectativa de que o brasileiro tem possibilidades de construir um futuro melhor, mas essa hipótese é quebrada no primeiro parágrafo, quando ele fala que o brasileiro possui duas habilidades: “[...] 1) a capacidade de dar um jeito; 2) a capacidade de adiar” (Campos, 2009, p. 19).

Campos descreve, de forma irônica, como o brasileiro faz de tudo para adiar compromissos, e que isso já está intrínseco na vida de quem nasce no Brasil. Para fundamentar a sua crônica, ele utiliza elementos literários e populares para fomentar a sua teoria. No início, para o uso de elementos literários exteriores, ele começa ironizando o que grandes escritores da literatura mundial afirmam sobre procrastinar:

Aquilo que Oscar Wilde e Mark Twain diziam apenas por humorismo (nunca se fazer amanhã aquilo que se pode fazer depois de amanhã) não é no Brasil propriamente uma deliberada norma de conduta, uma diretriz de base.” (Campos, 2009, p. 19).

Trazendo escritores com vozes legitimadas, por mais que não haja uma comprovação de que que Wilde e que Twain disseram a afirmativa acima, é preciso observar o caráter intertextual e como essa alusão ao que foi dito fundamenta, em tom crítico, o que seria uma das características dos brasileiros.

Além dos escritores estrangeiros, Paulo Mendes Campos se utiliza de escritores canônicos brasileiros para mostrar como o adiamento das coisas é um instinto inelutável (Campos, 2009, p. 19). Marcando de forma descontraída, o diálogo com os outros textos da tradição brasileira que buscam, de certo modo, atrasar a morte.

Quanto à morte, é de se lembrar dois poemas típicos do Romantismo: na “Canção do exílio”, Gonçalves Dias roga a Deus não permitir que ele morra sem que volte para lá, isto é, para cá; já Álvares de Azevedo tem aquele poema famoso cujo refrão é sintomaticamente brasileiro: “Se eu morresse amanhã!” Nem os românticos queriam morrer hoje (Campos, 2009, p. 20).

Essa passagem auxilia Mendes Campos em propor uma comprovação que parte de brasileiros, segundo o autor, fazem de tudo para deixar os compromissos para depois. Ele trouxe trechos de “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias (1846) e “Se eu morresse amanhã”, de Álvares de Azevedo (1853) para não ficar apenas na perspectiva de como os estrangeiros veem a procrastinação brasileira, pois é como se a procrastinação brasileira fosse comprovada por brasileiros.

Mas em adição ao que os poetas brasileiros disseram, fica evidente que mais adiante na crônica uma referência à famosa frase filosófica de Descartes (1637), “Penso; logo existo.”, quando o Campos diz que o brasileiro “adia; logo existe” (Campos, 2009, p. 20). Trazendo uma intertextualidade implícita de subversão, pois ele utiliza um texto, mas pretende mudar completamente o sentido que foi construído pelo filósofo do século XVII, fortalecendo o caráter irônico da crônica.

Para finalizar o texto, o autor mineiro vai usar um trecho de um livro francês sobre o Brasil, o qual não se sabe o título e nem o escritor, entre todas as informações, ele destaca:

DES MOTS
Hier: ontem
Aujourd’hui: hoje
Demain: amanhã
Le seul important est le dernier.
(Campos, 2009, p.20)

Após a citação em francês, o cronista traduz a frase como: a única palavra importante é amanhã. Logo em seguida, ele diz que o francês foi malicioso e não tinha como o rebater, terminando a crônica, dizendo que os outros problemas seriam resolvidos na outra semana. É interessante observar que Mendes Campos traz uma análise sobre como as pessoas de outras nacionalidades acreditam que sejam os brasileiros. Então, de forma dinâmica com outros textos, Paulo Mendes Campos denuncia o jeito brasileiro de adiar as coisas, fundamentando-se em vários textos da tradição de forma simples e bem humorada.

Já na crônica “O poeta de Minas”, Paulo vai abordar o percalço que Minas sofre em estar mais centrado na possibilidade de ser um estado melhor, menos pessimista. Para isso, o cronista vai se basear nos escritos dos poetas mineiros que, segundo ele, são todos os mesmos e únicos. A afirmativa de Campos é que todos os poetas representam o psiquismo das Gerais, pois falam sobre a bipolaridade de emoções que estão em conflitos, a abulia, a libido, a onimania, a disforia e a ambivalência.

Em seguida, o cronista vai contar sobre a decadência do homem mineiro no século XX. Dessa maneira, para demonstrar que a inconsistência de sentimentos e de escolha está presente no mineiro, ele começa argumentar citando Cláudio Manuel da Costa: quem deixa o trato pastoril, amado/ Pela ingrata, civil correspondência/ Ou desconhece o rosto da violência/ Ou do retiro a paz não tem provado (Costa *apud* Campos, 2009, p. 69). Assim, mostrando que o mineiro estava em constante bipolaridade, pois não sabia se ficava no centro

urbano ou na cidade. Para mostrar mais caráter pessimista, em Minas Gerais, ele fará uma citação de Marília de Dirceu (1792), de Tomás Antônio Gonzaga:

O poeta mineiro toma o nome de Tomás Gonzaga, que sabe a sorte deste mundo mal segura. Canta a decomposição do próprio corpo, depois de ter cantado (ante-Apollinaire) que após os prazeres chegam as desgraças: “Já, já me vai, Marília, branquejando/ Louro cabelo que circula a testa:/ Este mesmo que alveja, vai caindo/ E pouco já me resta/ As faces vão perdendo as vivas cores/ E vão-se sobre os ossos enrugando/ Vai fugindo a viveza de meus olhos. Tudo se vai mudando.” (Gonzaga *apud* Campos, 2009, p. 69)

Desenvolvendo, desse modo, na crônica um caráter de impossibilidade e distanciamento das vontades e dos desejos. A seguir, o cronista vai citar o medo que perpetua na poesia em Minas Gerais, citando o escritor Alphonsus de Guimaraens: se encontro o céu deserto como a terra! (Guimaraes *apud* Campos, 2009, p. 70). Mostrando, assim, a disforia por pensar na possibilidade de solidão. Em adição a essa afirmativa, ele traz outros dois autores de Minas, Augusto de Lima e Emílio Moura para reforçar esse ar de negatividade que assola a poesia mineira,

Ao despontar do dia, a flauta e o violoncelo expiram lentamente no soneto de Augusto de Lima, desfazendo com volúpia a paisagem, o encantamento e o fio de vida. Emílio Moura busca uma eternidade para a casa desmoronada. O mesmo Emílio dobra sutilmente o escorrer de tudo (Heráclito tinha olhos corrosivos de mineiro), ao cantar o rio da serra das Gerais: “Terra e céu, verde e azul, tudo se apaga,/ E há um fluir mais triste que se escuta / Em mim, mas já sem mim” (Moura *apud* Campos, 2009, p. 70).

Reforçando a ideia que o homem mineiro pensa na possibilidade do místico, do que deve acontecer ao fim da vida terrena, qual será a possibilidade de verdade. Um ponto a ser observado na última citação, é que há um diálogo entre elementos que compõem essa intertextualidade explícita quando cita Augusto Lima, Emílio Moura e traz a memória sobre Heráclito para abordar o mesmo assunto.

É espaço, também, na poesia, para abordar sobre os loucos de Minas, “porque o louco é sagrado”, explica com precisão, em nome de todos, Henriqueta Lisboa (Campos, 2009, p. 70). Reforçando a ideia de que a poesia mineira é lugar para se pensar sobre as coisas negativas da vida. Para além de Henriqueta Lisboa, Paulo Mendes Campos vai trabalhar com o pensamento de Murilo Mendes: O meu duplo sonha de dia e age de noite./ O meu duplo arrasta corrente nos pés./ Mancha todas as coisas que vê e toca./ Ele conspira contra mim,/ Desmonta todos os meus atos um por um e sorri. (Mendes *apud* Campos, 2009, p. 70). Dessa forma, contribuindo para pensar que o louco também vê com lucidez, uma lucidez que não são todos que querem dar o trabalho de enxergar.

Em memória dos poetas que falam dos pensamentos velhos que perpassam a vida do ser humano, vai dizer que Dantas Mota é uma das referências mineiras em falar do assunto. No entanto, é Carlos Drummond de Andrade que vai escrever de uma forma minuciosa.

Carlos Drummond de Andrade, repetido há pouco, em outra sistemática, por Afonso Ávila, que escreveu duzentas páginas do *Código de Minas*, isto é, usura, rotina, parentelas gastas, fome, ruína. Drummond, como os demais, quer preservar uma fagulha insensata, que pode conviver mineiramente com a compostura: “Espírito mineiro circunspecto/ Talvez, mas encerrando uma partícula! Do fogo embriagador, que lavra súbito,/ E, se cabe, a ser doidos nos inclinás”. (Campos, 2009, p.70)

Mostrando seu arcabouço de leitura, mostra que conhece bem a poesia mineira e o que ela carrega. Sempre impulsionando esse ar de denúncia sobre as coisas negativas, porque ele cita elementos econômicos e naturais que fortalecem a imagem de Minas ao negativo. Entretanto, prefere dizer que mudam-se os tempos, mudam-se as modas de escrever; mas há sempre um condomínio de ruínas na poesia mineira” (Campos, 2009, p. 70). Evidenciando, a propósito, com a presença intertextual do texto camonianiano *Mudam-se os tempos, Mudam-se as vontades*, que a poesia de seu estado está voltada ao negativo. Além disso, vai se utilizar da figura de Jeca Tatuzinho e faz uma alusão à Tiradentes.

Esse texto nos mostra a gama de conhecimento que Paulo Mendes Campos possui, que o faz relacionar à crítica do campo poético mineiro desde o tempo da colonização até a contemporaneidade, construindo uma pequena história da Literatura mineira, e como essa escrita está fadada às ruínas, como próprio autor disserta. Observa-se que nessa crônica há uma construção baseada na intertextualidade alusiva, mas, sobretudo, na de citação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se evidente, portanto, a presença intertextual nas crônicas de Paulo Mendes Campos. As crônicas aqui analisadas possuem caráter irônico, a escrita simples e de fácil compreensão, com uma forma poética que perpassa os escritos de Campos, fazendo-o permanecer na memória da crônica brasileira. As crônicas, como afirma Sá (1985), que não morrem são aquelas que possuem qualidades literária, o que é visível ao leitor de Mendes Campos a presença desse modo de escrita, porque seus textos não morreram, permanecem atuais e causam um efeito de reflexão crítica sobre si, sobre o outro e sobre aspectos, segundo o cronista, que estão enraizados na vida do brasileiro, como a procrastinação.

Dessa forma, o artigo auxiliou na compreensão de um dos modos estilísticos utilizados por Paulo Mendes Campos em suas crônicas. A intertextualidade foi um meio o qual o cronista encontrou para transpassar em formas de citações e comparações aquilo que aconteceu no cotidiano, mas

que apenas o cronista é capaz de encontrar. Paulo Mendes mostra a sua compreensão de mundo e quão grande é o seu repertório literário, quando dialoga em seus textos com outros que estão presente no cotidiano, como no caso da revista francesa em *Brasileiro, homem do amanhã*; quanto na fortuna literária, exemplo visto em *Para Maria da Graça*, quando usa a obra de Lewis Carroll para trazer uma relação do texto literário com a vida de uma jovem de quinze anos. Assim, com esse apego estilístico, o cronista mineiro faz com quem leia a sua crônica, perceba o diálogo que acontece em seus textos, mas que, além disso, possam realizar uma análise crítica por meio de sua leitura. Portanto, é perceptível que o cronista Paulo Mendes Campos, com a sua forma de escrita complexa e com textos que ainda refletem a realidade humana ou brasileira, seja marginalizado e esquecido pela crítica literária, pelas editoras e pelos leitores que deveriam fazer com que a literatura em prosa de Campos permanecesse nos cânones dos cronistas brasileiros.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014; Lc 6, 39; Lc 23, 40-43.
- CAMPOS, Paulo Mendes. *Brasil brasileiro*: crônicas do país, das cidades e do povo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 4ª 2009.
- CAMPOS, Paulo Mendes. *O homem que odiava ilhas*: Crônicas de Paulo Mendes Campos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- EL FAHL, Alana Freitas. *Notas de Rodapé*: algumas considerações sobre a crônica literária no Brasil e os periódicos do século XIX. 4º Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários. Feira de Santana: UEFS, 2013.
- EL FAHL, Alana Freitas. *Lulu Parola cantando e rindo*: a crônica do riso na cidade da Bahia. Salvador: Quarteto Editora, 2022.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade*: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2008.
- LEME, Betina. *Poemas reunidos de Paulo Mendes Campos*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*: prosa. São Paulo: Editora Cultrix. 13ª ed. 1997.
- PAIVA, Aline Domingues de. *Tradutores mineiros*: o caso de Paulo Mendes Campos. Monografia de conclusão do curso de Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução-Inglês. UFJF, 1. Semestre, 2010.
- SÁ, Jorge de A. *Crônica*. São Paulo: Ática, 1985.
- SEIXAS, Cid. *Literatura e Intertextualidade*. Salvador: Cedap. 2ª ed. 2018.
- SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. *A crônica brasileira do século XIX*. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.
- ZANI, Ricardo. *Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo*. Em *Questão*, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 121-132, 2003. Disponível em: <https://seer.ufg.br/index.php/EmQuestao/article/view/65>. Acesso em: 16 abril 2022.